



APROVADA

NA

551

a. Sessão

ALADI/CR/Ata 549
(Extraordinária e solene)
10 de março de 1995
Hora: 12h às 12h 50m

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti.

Preside:

EFRAIN DARIO CENTURION

Assistem: Jesús Sabra, Gustavo Adolfo Moreno e Roxana Sánchez (Argentina), Antonio Céspedes e Roberto Emilio Finot (Bolívia), Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares, Mario Ernani Saade e Ana Elisa de Magalhães Padilha Pupo - Netto (Brasil), Jaime Pinzón López e Henry Javier Arcos (Colômbia), Augusto Bermúdez Arancibia, Leopoldo Durán Valdés, Alejandro Marisio, Juan Guillermo Valenzuela e Lidia Rodríguez Pizarro (Chile), Eduardo Cabezas Molina e Humberto Jiménez (Equador), Ignacio Villaseñor, Dora Rodríguez Romero, Magno Heriberto Rodríguez, Alberto Rodríguez Bolaños e Arturo Juárez Juárez (México), Efraín Darío Centurión, Carlos Galeano Perrone e Alfredo Núñez (Paraguai), Guillermo Fernández-Cornejo Cortés, Efraín Saavedra Barrera, Pablo Cisneros Andrade e Pedro Bravo Carranza (Peru), Néstor G. Cosentino, Eduardo Penela Ríos, José Roberto Muineló e Daniel Botta (Uruguai), Germán Lairé, Antonio Rangel e Ariel Vargas (Venezuela), Ana Ramos de Pijuán (Costa Rica), Manuel Aguilera de la Paz (Cuba); Carlos Alberto Prera Flores (Guatemala), Xie Rumao (China), Radu Urzica (Romênia), Valery Dergachev (Rússia), Jorge

Laurenz Kaufmann e Jean-Louis Giddey (Suiça), Joël Fessaguet (CEE) e Luis Macchiavello (OEA).

Secretário-Geral: Antonio José de Cerqueira Antunes.

Secretário-Geral Adjunto: Juan Francisco Rojas.

Comitiva Oficial: Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores, Alvaro Ramos, Excelentíssimo Senhor Subsecretário das Relações Exteriores, Carlos Pérez del Castillo, Excelentíssimo Senhor Embaixador Adolfo Castells, Excelentíssimo Senhor Embaixador Julio A. Lacarte Muró, Excelentíssimo Senhor Embaixador Fructuoso Pittaluga e Ernesto Laguardia.

PRESIDENTE. Excelentíssimo Senhor Presidente, Excelências, senhoras e senhores, é uma grande honra para a Associação Latino-Americana de Integração, em particular para o Comitê de Representantes, que tenho a honra de presidir, ter a Vossa Excelência conosco nesta Casa da integração regional. A muito poucos dias de assumir novamente como Presidente da República Oriental do Uruguai, em uma exemplar jornada de reafirmação democrática, verdadeiro e decisivo avanço para que a América Latina não deixe de ser o continente da paz e da esperança.

A presença nesta Casa de Vossa Excelência tem múltiplo, mas concordantes significados. Antes de mais nada, está reafirmando-nos a vocação integracionista de vosso país e de vosso povo e o compromisso adquirido, desde sempre, com as instituições que representam e simbolizam o progresso da América Latina para sua unidade. Não está demais lembrar nesse sentido que o Uruguai deu sempre seu mais irrestrito e completo apoio ao projeto integracionista latino-americano, materializado primeiro, na criação da ALALC e no estabelecimento de sua sede na cidade de Montevidéu, após ratificado, no momento de transformar-se na ALADI para adequar-se aos novos tempos, mas sempre tendo por norte que fosse ela a instituição representativa da dimensão regional do processo de integração.

Por outro lado, esta visita nos lembra que este ano se comemora o décimo quinto aniversário da assinatura do Tratado de Montevidéu 1980, o instrumento jurídico que, com sua flexibilidade e pragmatismo, facilitou a concertação e o desenvolvimento de diferentes acordos sub-regionais e bilaterais de integração, que não implicam, de nenhum modo, o abandono dos objetivos e motivações regionais.

Neste momento de auge da integração no continente através das múltiplas expressões sub-regionais e bilaterais, como o MERCOSUL, o Grupo Andino, o Grupo dos Três, a Bacia do Prata, a

em

Hidrovia Paraguai-Paraná e os chamados Acordos de "Nova Geração", a ALADI como expressão institucional da dimensão regional, não só é uma garantia para manter o atual impulso e dinâmica do processo, mas também para evitar os riscos da fragmentação e fazer frente aos múltiplos desafios do sistema internacional.

A gratíssima presença de Vossa Excelência nesta Casa nos alenta e estimula para persistir nas tarefas que atualmente desenvolvem os órgãos da Associação. Persuadidos de que contamos com o apoio das mais altas autoridades dos países-membros a fim de estabelecer um programa de ações que promova a articulação e convergência dos acordos sub-regionais e bilaterais de integração.

Acreditamos que os avanços que se alcancem neste caminho permitirão obter os máximos benefícios da ampliação do espaço econômico latino-americano, incluindo os países de América Central e do Caribe e mostrar à região disposta a enfrentar unida os grandes desafios que implicam a criação de um amplo espaço de livre comércio hemisférico e o estabelecimento de vínculos mais estreitos com a União Européia e com outras áreas de integração regional, no âmbito de um processo de globalização que faz o mundo mais interdependente e competitivo.

Excelentíssimo Senhor Presidente, apraz-me reiterar a Vossa Excelência nosso júbilo e felicidade por estar entre nós; guardaremos desta visita uma lembrança imperecível. Ao mesmo tempo, com alegria no coração, fazemos nossos votos para que vossa gestão no governo seja útil e proveitosa para este grande povo uruguaio e portanto, para toda a América Latina. Muito obrigado.

Tem a palavra o Senhor Secretário-Geral.

SECRETARIO-GERAL. Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai, Doutor Julio María Sanguinetti, Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores, Engenheiro-Agrônomo Alvaro Ramos, Excelentíssimo Senhor Sub-Secretário do Ministério das Relações Exteriores, Embaixador Carlos Pérez del Castillo, Excelentísimos Senhores Membros da comitiva oficial, Excelentíssimo Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Excelentísimos Senhores Representantes dos Países-Membros, Excelentísimos Senhores Representantes dos Países e Organismos Observadores, Senhor Secretário-Geral Adjunto, senhoras e senhores, hoje estamos vivendo um momento de grandes esperanças, de desafios e por que não dizer também de grandíssimas preocupações no processo de integração e de desenvolvimento de nossos países.

A integração de nossos onze países deixou de ser tão somente um ato de vontade para transformar-se em uma realidade de impactantes e progressivos fatos concretos.

O espírito e a letra do Tratado de Montevidéu começam agora a ter correspondência nos fatos. A opção de adotar como instrumento os acordos de alcance parcial, condicionados a sua conver-

em

gência, embora por caminhos diferentes a respeito das perspectivas que tínhamos na Declaração de Montevideu, de 2 de março de 1985, está agora apresentando resultados concretos.

O processo de abertura de nossos países como consequência das respostas ao problema comum da dívida externa e os acordos sub-regionais e bilaterais de nova geração celebrados na ALADI resultaram em uma extraordinária mudança positiva no nível, na qualidade e no dinamismo do mercado entre os onze países da ALADI.

Hoje em dia as exportações entre os onze países superam 23,7 bilhões de dólares, representando um quinto das exportações totais desses países. Além disso, é um comércio no qual os países encontram um patamar insubstituível para desenvolver suas competitividades em manufaturas e serviços.

Fenômeno tão importante como o comércio, Senhor Presidente, é o processo da verdadeira expansão transfronteiriça das empresas genuinamente nacionais.

Nossos empresários já não se limitam às fronteiras nacionais nem no comércio nem nos investimentos.

As perspectivas, Senhor Presidente, são de que o comércio e os investimentos entre nossos países se intensifiquem mais ainda com base na trama que se está configurando entre os acordos celebrados e em negociação.

Aos acordos do Grupo dos Três, do Grupo Andino e dos do Chile e do México serão acrescentados os que resultarem das atuais negociações entre o MERCOSUL, o Chile e o Grupo Andino, fazendo com que no ano 2005 ou pouco depois, em 42 das 55 relações bilaterais entre os onze países exista o livre comércio da maioria dos bens, com avanços importantes de integração em outros temas.

Além disso, Senhor Presidente, espera-se que as negociações entre o MERCOSUL e o México caminhem na mesma direção, de modo que não seria irreal chegar a uma heterodoxa zona de Livre Comércio entre os onze países da ALADI pouco depois do ano 2005.

O Uruguai, como país sede da ALADI e como protagonista nas negociações, nem desempenhando um papel de grande importância na construção e na utilização desse processo de integração.

Destaca-se sua oportuna participação na criação do MERCOSUL e sua capacidade de negociação na vigência do PEC e do CAUCE.

As perspectivas, os desafios e os benefícios da integração para o Uruguai, principalmente para sua competitividade mundial em manufaturas e serviços.

As exportações de manufaturas representam 53% das exportações totais do Uruguai para os países da ALADI, tendo-se incrementado 74% entre 1991 e 1994.

O êxito das negociações com o Chile e com o Grupo Andino significará para os países do MERCOSUL uma ampliação de 50 para 60% no mercado de livre comércio de bens.

A articulação e convergência entre os acordos bilaterais e sub-regionais, onde pesa a necessidade da adoção de acordos e resoluções regionais em alguns temas de âmbito comum, passam a ser tarefas fundamentais da integração.

A vontade política e a própria realidade apontam para uma integração por agregação, respeitando-se os compromissos pactuados.

A Declaração de Miami também adota este método, de modo que gradualmente a articulação e convergência, por grau de intensidade decrescente, vá da união dos acordos sub-regionais e bilaterais da ALADI entre si para a agregação com a América Central e o Caribe e depois aos demais processos e países da América, tudo isso na esfera da OMC.

A ALADI, Senhor Presidente, passa a ser um reduto intermediário imprescindível entre os processos sub-regionais e bilaterais que hoje em dia dinamizam a integração e os demais níveis de agregação, inclusive o previsto em Miami e o pactuado na OMC.

Senhor Presidente, o processo de integração dos países da ALADI não se restringe tão somente a aspectos de comércio e investimento.

Além de projetos binacionais que correm às vezes fora dos instrumentos da ALADI, há que reconhecer um processo cidadão de integração como a base verdadeiramente mais profunda da Integração.

Há que registrar esse novo fenômeno de crescente comunhão cultural cultivado entre cidadãos e segmentos sociais, políticos e culturais de diferentes países latino-americanos, através da intensificação de contatos e comunicações propiciada pelo turismo, os meios de comunicação, o estabelecimento e funcionamento de associações setoriais regionais e o crescente consumo de bens e serviços culturais.

Nesse sentido, Senhor Presidente, lembro a multidimensionalidade da integração e a flexibilidade dos instrumentos do Tratado de Montevideu 1980 para acolher iniciativas de integração no campo da cultura, ciência e tecnologia, meio ambiente e outros campos.

Contamos com o Acordo Regional de Livre Circulação de Bens e Serviços Culturais, cujo aperfeiçoamento está sendo considerado

em

pelos países-membros e com o Acordo-Quadro de Cooperação em Ciência e Tecnologia cuja comissão administrativa e seus primeiros atos estão por ser implementados.

Sobre esses importantes temas, Senhor Presidente, lembro seus precisos conceitos em seu discurso de 2 de março de 1985 no encontro de altos dignatários realizado aqui nesta sede: "A Organização é um tecido, um âmbito, um espaço. O fluido vital tem que ser dado pela vontade política dos Estados que a integram, porque sem ela não é mais do que um âmbito que fica vazio".

Senhor Presidente, a integração em sua manifestação mais concreta e progressista está à vista apesar das dificuldades. Preocupa-nos, particularmente, a crise financeira mundial que pode trazer atrasos à retomada do crescimento dos países latino-americanos e ameaçar seus equilíbrios macroeconômicos obtidos a duras penas.

Justamente agora que temos tanto para investir em infraestrutura, em educação, em ciência e tecnologia e na oferta exportável de bens e serviços, dentro de novos papéis e de relações entre o Estado e o setor privado, é importante que os excedentes do Norte possam ser canalizadas para nossas economias por esquemas que não sejam especulativos.

Acreditamos, Senhor Presidente, que a ação conjunta de nossos Governos e bancos centrais poderá ser positiva nesse sentido e que para isso pode ser útil mobilizar o Conselho de Assuntos Financeiros e Monetários da ALADI.

Senhor Presidente, conhecemos seu elevado espírito integracionista, demonstrado por fatos pioneiros e memoráveis, acompanhados por declarações de extraordinária clarividência.

A visita de Vossa Excelência, como um de seus primeiros atos de governo, confirma sua dimensão de estadista ao mesmo tempo que nos traz ânimo em nossos afazeres.

Esta Secretaria está à disposição de Vossa Excelência para dar apoio técnico às iniciativas de Vossa Excelência e confia em que com sua vontade política, Vossa Excelência será um dos principais protagonistas do "Líquido Vital" que requer esta Associação para prosseguir seu trabalho, tanto nos aspectos comerciais e econômicos quanto, especialmente, em todas as outras imprescindíveis dimensões culturais, científicas e tecnológicas da integração. Muito obrigado.

PRESIDENTE. É uma honra para mim oferecer a palavra ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai.

PRESIDENTE DA REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAI. Doutor Julio Maria Sanguinetti.

Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhores Embaixadores, senhoras e senhores, mais uma vez nos encontramos aqui neste âmbito em que não somente temos falado de integração senão que a temos protagonizado nestes anos. Sem dúvida, foram anos extraordinariamente criativos no processo da integração da América Latina conseqüência natural dos anos de grandes transformações que o próprio mundo viveu.

Nosso âmbito, nosso cenário, nossa civilização latino-americana viveu anos de grandes transformações que foram a conseqüência natural de um mundo que mudou, de um cenário universal em que a globalização informativa e financeira produziu enormes mudanças, em que as alternativas próprias do descongelamento que superou o enfrentamento ideológico entre os dois grandes mundos que mostrou a pós-guerra, abriram novas perspectivas, novas possibilidades, novos desafios também.

Vivemos tudo isto paralelamente a mudanças nas idéias políticas, nas idéias sociais, nas idéias econômicas. Aquela integração dos anos sessenta era conseqüência natural das concepções de desenvolvimento predominante então, das concepções políticas predominantes então. As propostas da economia nacional naturalmente conduziam a propostas de uma integração concebida como uma grande muralha defensiva. Era a conseqüência natural de um modo de pensar. O desenvolvimento para dentro simplesmente modificava seu âmbito, mas continuava sendo, em definitivo, um desenvolvimento que olhava para dentro, concebendo a integração desde esse ângulo.

Os anos setenta também mostraram-nos mudanças como conseqüência natural de que aquela dimensão, concebida originalmente para essa atitude e imaginada também como um âmbito global, tinha enfrentado enormes dificuldades: algumas de ordem política, algumas de ordem técnica, outras de ordem infra-estrutural, dificuldades de transporte, sobrevivência de conflitos de soberania, dissimilitude de regimes políticos pela confrontação de democracias com ditaduras.

Conjunto, tudo isso, de situações que não se tornou realidade nos termos em que se tinha imaginado originalmente a primeira visão da integração. Nem por isso deixou de ser infecunda aquela etapa, que foi augural, que foi instalando a idéia, o cenário do pensamento latino-americano, que foi desenvolvendo nos povos, cada vez mais, a consciência de uma solidariedade e de um destino comum.

Até que os anos oitenta naturalmente voltam a modificar totalmente este cenário. São os anos do mais vigoroso processo de redemocratização ou democratização que o hemisfério viveu. Reconstruíram-se algumas democracias que tiveram tropeços institucionais; constroem-se pela primeira vez democracias em sociedades onde nunca tinham existido; começa-se, então, a conjugar um diálogo baseado em crenças comuns, princípios comuns, similares instituições e uma análoga vontade. Começa também a desenvolver-

em

se uma diplomacia que, além de seus âmbitos tradicionais envolve os sistemas políticos, os próprios Chefes de Estado, que nesses anos começam a desenvolver também uma ação diplomática que vai além dos âmbitos tradicionais e que vai assumindo, portanto, compromissos políticos com muito mais peso e gravitação em todo esse processo.

Paralelamente vai produzindo-se uma mudança natural: as idéias econômicas, uma luta por introduzir concepções liberalizadoras no comércio mundial, das quais a Rodada Uruguaí precisamente foi testemunha bem inequívoca. Aquela foi uma iniciativa que tomamos naquele então tentando que, pela primeira vez, o GATT se reunisse fora do âmbito europeu e chegasse ao âmbito latino-americano em virtude do que era nossa sensação, nossa convicção daqueles anos, de que por aí iam passar as coordenadas básicas do tempo que estava gestando-se, dessa mudança universal que vinha gestando-se e que já necessitava superar os esquemas, não só nacionais, não só regionais, mas universais.

Isto era feito paralelamente também às políticas econômicas que iam tendendo para aberturas maiores das economias. As concepções de simplesmente desenvolvimento para dentro davam passagem a concepções mais abertas, com variantes diferentes, com matizes diferentes, segundo os países, em alguns com maiores ingredientes de tipo comercial, em outros com maiores ingredientes do tipo voltado para a economia real, em alguns com concepções sociais, um pouco maiores do que em outras. Mas, todas, em definitivo, apontando para uma economia de competência que estava imposta precisamente pelos fenômenos de globalização de que falávamos.

A globalização informativa dava aos povos a consciência e daí a necessidade inevitável de aceder aos bens de uma ciência, de uma tecnologia, que a colocam não já como aspirações senão como necessidades: o uso, o desfrute, o gozo de instrumentos tecnológicos, que até na vida cotidiana lhe impunham novos hábitos e novos modos de ação, um novo urbanismo, uma nova concepção das cidades, o desenvolvimento de novos estilos de vida, o desenvolvimento de novos estilos de comercialização. Naqueles anos vimos o mundo das galerias, o mundo dos shoppings, o mundo de todo um conjunto de testemunhos da vida que mostravam que a família latino-americana e o indivíduo latino-americano se submergiam em uma corrente universal que gerava necessidades impossíveis de satisfazer em uma economia fechada.

As economias fechadas que podiam ter tido naturalmente outro tipo de possibilidades e que responderam a outras necessidades, às vezes a de gerar desenvolvimentos industriais imprescindíveis ou desenvolvimentos agrícolas imprescindíveis, não é um juízo crítico sobre o passado senão a resposta de uma etapa histórica diferente que fica superada por essa situação em que o aparelho de televisão abria um modo de vida diferente no espírito do povo. Daí a geração de necessidades que era imprescindível satisfazer e a partir daí, uma cultura que modificava, diria quase imprescindível

divelmente os mecanismos de consumo e, portanto, as idéias econômicas.

E isso, temos visto também nas economias fechadas, inclusive estruturadas em seu momento também pelo sistema marxista, tiveram uma espécie de estranha e até paradoxal implosão no Leste europeu como consequência de uma defasagem crítica entre os modos de vida, os hábitos e aspirações e necessidades do povo e as possibilidades de economias concebidas para outro mundo, outro momento de desenvolvimento. A este homem de final do século não era possível atendê-lo em seus requerimentos e em suas necessidades com esse tipo de desenvolvimento que teve sua etapa histórica e tinha passado, como passaram tantas etapas históricas em toda esta construção que é o nosso mundo.

E isso naturalmente, refletiu-se na idéias e impôs, portanto, uma modalidade diferente de integração; não já imaginada a integração como um mecanismo de defesa ou um mero quadro para o desenvolvimento de estruturas aduaneiras mais amplas, senão como um processo muito mais profundo no qual aparecia, por um lado, a necessidade de ampliar o conceito de integração enriquecendo-o não só com o elemento comercial senão com outros elementos que se mostravam tão importantes quanto ele: transporte, serviços, organizações políticas, infra-estrutura, empresas multinacionais, empreendimentos comuns nesse terreno e a dimensão cultural como sustento básico de tudo isso.

Por outro lado, a necessidade também de que essa integração não fosse uma nova modalidade de protecionismo senão uma ampliação de escala para um mundo em competência; ou seja, tratava-se de que a integração fosse mais um instrumento para crescer para fora do que um âmbito ou um reservatório preservador do mercado interno ampliado.

Isto foi, indubitavelmente, uma mutação muito forte no conceito de integração que depois foi traduzindo-se nos fatos. As felizes circunstâncias políticas que assinalamos foram gerando naturalmente um clima através do qual foram expandindo-se estas novas idéias e isso permitiu o desenvolvimento de todos estes empreendimentos regionais ou sub-regionais. No início puderam parecer que questionavam ou superavam o que era a idéia do Tratado de Montevideu, a idéia da ALADI, depois o tempo foi demonstrando que, pelo contrário, eram elementos complementares e conviventes e que, em definitivo, ambos se necessitavam: não podíamos imaginar a ALADI sem o elemento nutriente desses processos que pragmaticamente tinham-se instalado nos fatos.

A realidade mostrou que as relações dos vizinhos eram o primeiro instrumento básico do processo integrador e que a partir daí ia desenvolvendo-se este mesmo processo; mas, por outro lado, também começou a resultar claro que eles precisavam por um lado um quadro institucional, um quadro estrutural e também um princípio articulador sem o qual estávamos, então, indo não para um processo de integração senão para uma nova modalidade de fragmentação, não já de nações senão de núcleos de nações que se

sm

introduziriam, portanto, em outro tipo de fragmentação diferente da que tínhamos tido antes do processo de integração.

Isso foi uma nova visão que foram mostrando os fatos nos últimos tempos, e que é o processo que devemos gerar nos anos vindouros, ou seja, como estes processos de integração sub-regional se articulam até poder produzir uma nova realidade integradora, e como, por outro lado, esta realidade nossa latino-americana pode chegar a essa articulação que também hoje precisamos com o resto do mundo.

Está o processo do NAFTA, por um lado; está a Comunidade Européia, por outro; está o GATT ou a Organização Mundial do Comércio com suas novas normas e tudo isto temos que articular a nossas próprias realidades.

Este é o desafio que se nos abre em tempos que, como acaba de assinalar o Senhor Secretário-Geral, não mostram hoje um bom momento. Depois de alguns anos de otimismo entramos em um período de turbulências em virtude desta crise financeira; são os "corsi" e "recorsi" da história que estão inevitavelmente sempre marcados, diria, por períodos nos quais a sobrevalorização de um fator conduz depois à busca de um reequilíbrio. Não é diferente ao que acontece nas economias nacionais. Quando se sobreavalia, às vezes, o aspecto comercial, o aspecto político é relegado, depois se vive uma crise comercial; quando se sobrevaloriza o desenvolvimento infra-estrutural, perde-se a idéia da dimensão financeira pelo sobreinvestimento; às vezes quando se sobreavalia o fator financeiro, se diminui o valor de outros fatores que logo cobram inevitavelmente sua revanche na busca de um novo ponto de equilíbrio.

Estes foram anos nos quais houve, indubitavelmente uma hipervalorização do fenômeno financeiro. No mundo inteiro se produziu, depois de superar a guerra fria uma grande capacidade de expansão do fenômeno financeiro; foram liberados grandes fluxos financeiros, foram introduzidas novas modalidades, muitas mui audazes, as bolsas se transformaram em sua essência, as grandes empresas industriais em lugar de serem financiadas nos bancos, passaram a financiar-se, elas mesmas, diretamente na bolsa vendendo elas mesmas suas próprias promissórias denominadas com outros nomes, muito mais fantasiosos mas que, em definitivo não eram nada mais que simplesmente a venda ou o desconto de uma promissória, que em lugar de assiná-la um banco era oferecida a uma comunidade financeira em uma bolsa.

E isto se adaptou, foi um sistema altamente atrativo para um mundo em rápida expansão, para um mundo que estava nesse momento em uma expansão vertiginosa: que diferencia entre vender um papel em uma bolsa ou tramitar um crédito longa e penosamente em um banco, completando todo um expediente no qual há que oferecer avais e balanços e todo um conjunto de circunstâncias que o outro mundo das bolsas não o exige. E isto não quer dizer que as bolsas não cumpram com sua magnífica função; sim. Digo que quando

falamos de fenômenos às vezes de inflação de um fator em prejuízo do outro. Aquilo se adaptava indubitavelmente ao que era uma economia mundial em expansão rápida.

Também, depois, alguns fracassos em aventuras econômicas que se produziram nesses anos, alguns desencantos também sobre o que poderiam ter-se imaginado rápidas expansões econômicas, algumas no leste europeu, outras na África, outras nos outros cenários, começaram a semear algumas incertezas. Até que, como sempre acontece, depois deste período de muita expansão se produz uma situação de refluxo. E este mundo empapelado de valores de crédito entrou em um momento de refluxo para de novo buscar valores reais.

Vejam os senhores que hoje as economias que se mantêm são as economias, se se quer, mais tradicionais no manejo de seu instrumento de desenvolvimento. Concretamente a alemã e a japonesa para não olhar para outros lados.

Isto quer dizer que teremos, então, em nível mundial um processo de ajustamento ou um processo de reordenamento ou como queiramos chamá-lo, segundo usemos umas terminologias ou outras. E isso tem sua repercussão também em nosso meio. Já estamos vivendo todos e creio que não é necessário aprofundar-nos nas turbulências que estamos vivendo, em todo nosso hemisfério, não só na América-Latina senão também nos Estados Unidos. A própria moeda insignia deste tempo aparece como a mais agredida, a mais questionada, a que em definitivo aparece com uma variabilidade e uma vulnerabilidade que aos financistas estranhará, certamente, aqueles tempos do século passado em que, sob a efígie hierática da Rainha Victória, a libra de ouro aparecia como um instrumento quase incombustível de intercâmbio. Hoje é um mundo muito mais fluido, com muito mais riscos também.

Isto faz com que tenhamos por diante algumas sombras, mas creio que não nos condena a um fatalismo pessimista; tudo o que tem feito a América Latina nestes anos é positivo e construtivo; os processos de integração têm uma enorme força; as aberturas econômicas continuam em curso, com suas modalidades, com suas particularidades; os processos de reforma do estado também ou as peculiaridades de cada um vão desenvolvendo-se; as democracias tem atravessado duríssimas provas e tem logrado sobreviver a elas, quando muitos pensavam ou podíamos pensar, há muito poucos anos, que dificilmente tivessem podido atravessar períodos tão críticos como os que atravessaram muitos dos nossos países, muitos dos países que estamos aqui representados. E essas democracias resistiram a prova, enriqueceram suas próprias potencialidades e foram adiante.

Os processos de integração, os processos sub-regionais têm um vigor enorme e além destas conjunturas creio que a perspectiva é uma perspectiva de esperança; a perspectiva é uma perspectiva realmente olhada como uma perspectiva de avanço e superação.

em

Bons e maus momentos haverá sempre na história e no mundo e inclusive dentro de uma mesma etapa de desenvolvimento. Esta etapa hoje nos mostra esse refluxo financeiro que produziu, indubitavelmente, uma turbulência e que nos trouxe algumas preocupações. Mas também estas coisas deixam lições, creio que a todos nos ensinam que temos que ser mais cuidadosos com alguns instrumentos; que assim como os anos sessenta nos ensinaram algumas lições: cuidar os equilíbrios macroeconômicos, por exemplo, que agredíamos com nossa vontade de mudança naqueles anos em que o desenvolvimento acendia o espírito de nossos povos e de nossos homens de estado, também estes novos reajustamentos nos deixam lições, deixam-nos a necessidade de ser mais equilibrados no uso de alguns instrumentos, impõem-nos também hoje ser mais cuidadosos com os equilíbrios fiscais até que o ponto de equilíbrio novamente nos permita retomar os caminhos da expansão, do desenvolvimento e do crescimento. E esse crescimento está indisolúvelmente unido ao processo de integração.

Esta Casa, naturalmente, então, continuará sendo um grande cenário para esse processo nesta nova etapa. Aqui teremos que lograr a articulação de todos os processos de integração sub-regional ainda o mecanismo integrador hemisférico; por seu lado que este mecanismo integrador seja o procedimento, o instrumento, a ponte, o veículo de relacionamento com os outros âmbitos, com os outros cenários, com as outras organizações que estão construindo-se neste novo mundo do pós-guerra fria, neste novo mundo que está fazendo iniciar este novo século.

Estas são, sem dúvida, grandes perspectivas, grandes desafios, enormes riscos, como sempre as empresas prometedoras. Não podem descobrir-se novos mundos sem passar pela aventura dos descobridores. E hoje, em um tempo naturalmente em que estamos construindo novos mundos, necessariamente temos de assumir esses riscos.

Por isso mesmo, então, com a mesma fé de sempre, mas com todos estes instrumentos renovados e a riqueza que nos dão estas experiências, podemos olhar para frente com a consciência de que uma nova etapa do processo de integração é também uma nova etapa no fortalecimento de nossas democracias, uma nova etapa também no fortalecimento das possibilidades de desenvolvimento social e econômico de nossos povos. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Excelentíssimo Senhor Presidente, em nome do Comitê de Representantes e da Secretaria-Geral por suas brilhantes e esclarecedoras expressões.

Desta maneira damos por encerrada esta sessão de honra, como homenagem a Sua Excelência, Senhor Presidente da República Oriental do Uruguai e convidamos para um brinde, também em sua honra, em sua homenagem. Muito obrigado.

- Encerra-se a sessão.
